

# O Ofício Do Professor Como Educador

Gabriele Machado and André Luis Andrejew Ferreira

**Resumo — Considerando os profissionais da educação, do mesmo modo que a prática educativa nas escolas, este artigo faz uma profunda abordagem sobre o significado de educação; além de tornar explícitas as distinções de um professor para um educador do ramo da matemática. Ensinar a ler, escrever e, principalmente, contar e calcular é sem dúvida tarefa essencial. Porém, acima de tudo é fundamental a vontade e o compromisso desse professor em modificar-se para tornar-se um educador e gerador de vida nas escolas, pois só assim terá alunos mais críticos e capazes de sonhar. Ser professor é apenas um exercício metodológico, ser educador vai muito além.**

**Index Terms— Educação, Matemática, Professores, Educadores.**

## I. INTRODUÇÃO

A escola começou com somente alguns alunos ao redor de um professor, não havia quadro-negro e nem livros. Ao longo dos séculos, essa estrutura evoluiu, sem jamais deixar de estar centrada no profissional da educação.

Atualmente a escola que trabalha apenas voltada para o conteúdo, onde cada professor acredita que seu compromisso maior é "cumprir o programa", certamente precisa repensar a sua função. Ensinar a ler, escrever e, principalmente, contar e calcular é sem dúvida tarefa essencial.

Contudo a vida moderna exige da escola muito mais que isso: para aprimorar tais habilidades ela ainda tem de estimular o aluno a pensar, a ser capaz de argumentar, a construir e confrontar suas idéias, a desenvolver o raciocínio lógico, além de buscar as soluções para problemas; visto que a ciência mais perfeita capaz de englobar tais aspectos é fielmente a ciência matemática e que tal tarefa é própria do educador.

Surge então a principal e visível diferença entre professor e educador.

Tais afirmações são baseadas em GROSSI, Dr<sup>a</sup> em Psicologia Cognitiva e pesquisadora na área de psicogênese das aprendizagens, no terço em [1]:

Gabriele Machado é aluna graduanda do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas e bolsista do Projeto PIBID - Programa Institucional de bolsas de iniciação à Docência UFPel/5<sup>o</sup> CRE. gabriele.ufpel@gmail.com

André Luis Andrejew Ferreira Prof. Doutor em Informática na Educação, professor adjunto do Departamento de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Campus Universitário, s/n. - Caixa Postal 354 - 96010-900 - Pelotas - RS - Brasil. andre.ferreira.ufpel@gmail.com

Aprende-se na escola, portanto, elementos caracterizados pelas seguintes dimensões: lógica, afetiva, social, política, ética, estética ou de expressão[...] Neste sentido é que se concebeu as diversas disciplinas: matemática, línguas, ciências naturais, estudos sociais, educação física, teatro, música, artes plásticas, dança e técnicas. Mas a escola é muito mais do que esta parte do currículo. A escola é perpassada pela esfera pedagógica de forma visceral. As questões que direcionam nossas vidas, como as de nossas origens e de nossa finalidade, ou seja, de onde viemos e para onde iremos, o que fazer com a libido que nos inunda [...](GROSSI, 1994, p.75)

Destarte, o mais importante é como conseguir que o discente alcance tais objetivos, por isso a necessidade de obter-se um conhecimento mais profundo sobre as diversidades entre tais profissionais - professores e educadores - esclarecendo assim, o papel de cada um deles.

## II. REFERENCIAL TEÓRICO

### A. A educação

Antes de falar dos profissionais da educação é preciso mencionar a educação propriamente dita. E diante disso surge uma pergunta: Afinal, o que é educação?

Pode-se considerar a educação como um processo de troca de conhecimentos e de experiências, em que ambos os envolvidos nesse exercício se beneficiam, podendo assim construir a própria personalidade e buscar também crescimento pessoal para sua auto-realização. Portanto tal decurso se dá através do "dar e receber".

No entanto não é modificando o outro que possibilitamos a ele o saber, mas sim o auxiliando para que ele próprio desenvolva seus valores e objetivos, realizando-se assim por meio deles.

O mesmo, disse o matemático Galileu Galilei em sua ilustre frase (1583): "Não se pode ensinar alguma coisa a alguém, pode-se apenas auxiliar a descobrir por si mesmo".

Pode-se citar o doutor em matemática D'Ambrosio (2001, p. 77) o qual também diz em [3], que a educação é "como uma estratégia da sociedade para facilitar que cada indivíduo atinja o seu potencial e para estimular cada indivíduo a colaborar com outros em ações comuns na busca do bem comum".

É no proceder das típicas aulas de matemática - ainda existentes a nível de primeiro, segundo ou terceiro grau - que freqüentemente pode-se perceber com nitidez alguma troca de informações entre aluno e professor, como, por exemplo, no episódio em que através de uma aula meramente expositiva o professor passa no quadro aquilo que ele julga efetivo para o aprendizado e desenvolvimento de seu aluno. O aluno, por sua vez, copia do quadro e possivelmente resolverá um certo exemplo ou mesmo inúmeros exercícios. Pois o que se espera

desse aluno é que o mesmo faça as interações necessárias, provavelmente esclarecendo assim todas as dúvidas. Essa prática revela a intuição de que é presumível aprender matemática através de um processo de recepção e transmissão de conhecimentos.

É esse o primeiro modelo epistemológico da educação citado por James F. Becker em [2], que trata o conhecimento como resultado positivo das experiências concretas do homem com o mundo sensível, e é através da percepção que por meio de contato direto com o exterior possibilita a assimilação e criação de conhecimentos.

Sabemos que a Matemática não se constrói exclusivamente na escola. O dia-a-dia de cada indivíduo fornece elementos que dão sentido a esta Matemática e permitem sua construção pelo sujeito. O próprio didata francês do campo do ensino das matemáticas, Yves Chevallard em [4], em sua exposição na VIII ème Ecole d'Eté de Didactique des Mathématiques, afirmou que "ninguém constrói nenhum conhecimento sozinho" sem o contato com o próprio objeto de conhecimento (neste caso, a Matemática) e a possibilidade de discussão com o outro.

Contudo, tal sabedoria não se traça absolutamente no período de escolarização ou em 15, 20, 30 anos, porém a todo momento, é a cada dia, diante de cada episódio que se obtém novos conhecimentos. E, portanto, vale compreender que a educação se produz tendo o homem descoberto seus valores e vivenciando estes na formação da própria biografia.

Em concordata com a Secretaria de Educação Fundamental do Brasil, no livro Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª séries de Matemática em [5] o conhecimento matemático é historicamente construído, logo, está em permanente evolução. Deste modo, o ensino de Matemática precisa incorporar essa expectativa, possibilitando ao aluno reconhecer os subsídios que ela oferece para compreender as informações e posicionar-se criticamente diante delas; além de identificar os conhecimentos matemáticos como meios para compreender e transformar o mundo a sua volta e perceber o caráter que é característico da Matemática, como aspecto que estimula o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas.

De fato, constantemente todas as pessoas constroem ou dão sentido às coisas que percebem ou pensam. Ou seja, é importante que o ensino da matemática comece desde as séries iniciais de modo provocador, tornando o aluno capaz de estabelecer esquemas de pensamentos para que possa pensar matematicamente, levantar idéias matemáticas, estabelecer relações entre elas, saber se comunicar ao falar e escrever sobre elas, desenvolver formas de raciocínio, estabelecer conexões entre temas matemáticos e de fora da matemática. Além disso, ele precisa desenvolver a capacidade de resolver problemas, explorá-los, generalizá-los e até propor novos problemas a partir deles.

Em 1994, o National Council of Teachers of Mathematics (NCTM) em [6] publica as Normas Profissionais para o Ensino da Matemática, este defende que os alunos, na sua aprendizagem da Matemática, deverão "ser capazes de formular e resolver problemas, de julgar o papel do raciocínio matemático numa situação da vida real, e de se comunicar matematicamente" (p. 21).

## B. Professores ou educadores?

São os professores ou talvez educadores, ao lado dos pais, os principais referenciais por essa troca de conhecimento e experiências, a educação. Mas e agora são os professores ou educadores?

Meramente por meio de uma pesquisa em busca de conceitos, é possível perceber tal diversidade.

A educação em alguns dicionários é definida como: "1 Ato ou efeito de educar; 2 Aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano" (Dicionário de Língua Portuguesa, 2008) em [7]; "3 Processo pelo qual uma função se desenvolve e se aperfeiçoa pelo próprio exercício" (Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa) em [8].

Já o ato de educar é descrito pelo vocabulário como o ato de "desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais; é dar educação; é instruir; é doutrinar; é domesticar; é aclimatar" (Dicionário de Língua Portuguesa, 2008) em [7]; e tal prática é efetivada pelo educador que é aquele "homem que professa ou ensina uma ciência, uma arte ou uma língua" (Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa) em [8].

Tratando-se do professor, os glossários relatam ser unicamente aquele que ensina. Tal exercício é conceituado como "dar, ministrar os preceitos de uma ciência, de uma arte" (Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa) em [8].

Incrivelmente ao buscar um significado sucinto para o termo "matemática" é possível encontrar a admirável definição que vem do latim: "a ciência das grandezas" (Dicionário de Língua Portuguesa, 2008) em [7]; grandeza advinda de profundo, elevado, vasto, intenso, nobre, generoso, glorioso, magnífico, luxuoso, etc...

Diante de todos esses significados já é possível perceber certa distinção entre tais profissionais. Quando acima são trazidas as expressões "faculdades físicas, intelectuais e morais", é cabível concluir que tal habilidade é própria da educação – nomeadamente expressada no ensino da matemática. Em consequência disso, constata-se que o ato de ensinar é exercido pelo profissional chamado de "educador".

É a escola, através da educação, que milhares de pais entregam seus filhos com a confiança de que ela, juntamente com profissionais perfeitamente qualificados, estarão colaborando na preparação dos pequenos para o mundo, na esperança de um futuro melhor.

De acordo com o antropólogo cultural ROCHA (2008, p.12) em [9], do mesmo modo, "Só se consegue fazer educação com bons educadores. A educação é um fim e a escola é um meio, mas não o único".

Percebe-se assim a responsabilidade de ambos – pais e escola. Engana-se quem acredita que "professor" é o mesmo que "educador", eles podem até terem obtido a mesma formação com exigências curriculares iguais; talvez dêem aula na mesma escola, tenham as mesmas condições de trabalho, recebam o mesmo salário e até trabalhem com o mesmo público, no entanto são profissionais diferentes e, sem dúvida, de conceituações distintas.

## C. As principais distinções entre professor e educador

Antigamente, ainda existiam numerosos educadores, aqueles

homens e mulheres que transmitiam segurança aos alunos, que davam embasamento para que fossem tidos como modelo, vasto modelo, não apenas em sua área específica de Matemática, Português ou Ensino Religioso, mas também como exemplo de ética, de comportamento, honestidade e sociabilidade.

Aqueles sim eram verdadeiramente educadores, que ensinavam desde a história do Brasil e religião aos mais complexos problemas matemáticos.

Educadores são aqueles comprometidos com a formação humana pelo decorrer de uma vida, no intuito de combinar suas existências com a vivência dos alunos.

Ao contrário de tudo isso está o “ministrador de aula”, aquele profissional que ignora seus alunos como seres humanos e os vê como um mero objeto de lucro. Ele não possui empatia pelas adversidades que os discentes enfrentam, separando totalmente as experiências cotidianas da realidade da sala de aula.

A mesma comparação faz Rubem Alves em sua obra *Conversas com Quem Gosta de Ensinar* quando diz, em [10]:

O jequitibá é árvore de longa vida, de 50, 100, 200 anos, passando de geração em geração, útil e precioso. Ao contrário, o eucalipto está maduro para uso em 4 ou 5 anos, pasto para nenhum vivente, deserto verde, alimento para nada, toca de silêncio com ausência de pássaro e animais. (ALVES, 2000, p.23.)

Ainda é indispensável citar certas características que diferenciam um professor de um educador. Enquanto o professor manda, ameaça e impõe sua autoridade; o educador orienta, entusiasma e esforça-se em convencer; o professor diz: “Eu” e procura encontrar os defeitos, enquanto que o educador diz “Nós” e procura as qualidades de seus alunos; o professor é aquele que diz o que “deve” ser feito, destrói, já o educador diz como, por que fazer e elogia construtivamente.

### III. A MUDANÇA

É imprescindível uma profunda mudança nos profissionais responsáveis pela educação matemática, não se trata apenas de ensinar novas técnicas e algoritmos, o importante é que o espírito crítico esteja permeando a prática, pois é através do desenvolvimento dessa capacidade que o aluno pode discutir suas dúvidas, explicitar o próprio pensamento, construindo o seu conhecimento. Já basta dessa tão linda ciência – a Matemática - ser transmitida de forma desinteressante e obsoleta.

Já descrevia Rubem Alves em [11]:

Educadores, onde estarão? Em que covas se terão escondido? Professores, há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. Profissões e vocações são como plantas. Vicejam e florescem em nichos ecológicos, naquele conjunto precário de situações que as tornam possíveis e - quem sabe? - necessárias. Destruído esse habitat, a vida vai-se encolhendo, murchando, fica triste, mirra, entra para o fundo da terra, até sumir. (ALVES, 2000, p.16.)

Diante disso, muito tempo irá decorrer até que inúmeros professores percebam que eles devem ler outros livros e revistas e não apenas aqueles dos campos em que são

especializados. Será um longo período até que se compreenda que na o é o professor que ensina os alunos, e sim os mesmos os responsáveis pela evolução de seu conhecimento, que para isso é preciso dar-lhes recursos e principalmente um vasto apoio.

Segundo Grossi (1994, p.85) em [1] “Ensinar Matemática é intervir de maneira que o aluno aprenda: não é deixá-lo construir sozinho, nem supor que tudo o que explica será aprendido”. E que para isto acontecer é indispensável, primeiramente que o(s) aluno(s) tenha(m) um contato com o conhecimento em questão e, além disso, que possa(m) possuir e expressar suas próprias idéias sobre tal informação.

Toda e qualquer mudança é difícil, na verdade é extremamente complexo mudar idéias e atitudes, porém não é impossível. Esse é um compromisso de todos, mas é preciso que as escolas libertem-se do medo das imposições e burocracias que tudo impedem.

Acima de tudo é fundamental a vontade e o compromisso desse professor em modificar-se para tornar-se um educador e gerador de vida nas escolas, transformando-se em um grande inovador de consciências, pois só assim terá alunos mais críticos e capazes de sonhar.

Espera-se que tais transformações se efetivem, de modo que cada profissional entenda que as escolas e seus presentes discentes carecem é de “professores educadores”, professores como profissão, educadores como vocação e que estes, sobretudo, sejam compromissados com a vida de seus alunos e responsáveis em prepará-los para todo o obstáculo a ser enfrentado.

### IV. CONCLUSÃO

Ao considerar o professor e o educador constata-se que ambos têm hoje um papel extremamente importante na educação, no entanto, infelizmente o educador está sem espaço na sociedade.

Visto que, por parte do professor o que existe é meramente um especialista em reprodução de idéias, por outro lado, para o educador o importante é a vocação e o amor em que a central preocupação é em constituir cidadão, educar a pessoa.

Compreender os professores como profissionais do ensino faz-se necessário dentro de um olhar que os perceba como sujeitos incompletos, inconclusos e, portanto, em permanente formação.

Se não há paixão, não há empenho nem comprometimento possível com a sala de aula. O colóquio com os alunos e o trabalho incessante de rasgar horizontes e abrir fronteiras afiguram-se como tarefa monótona e improdutiva.

Contudo não se pode admitir que se extingam os educadores que estão adormecidos pelo atual modelo capitalista, é necessário que eles aprendam a voar para de modo a conseguir transformar a educação.

Para isso, professores educadores e alunos devem desenvolver a curiosidade, a criticidade, a ética, através da troca de conhecimentos, do respeito mútuo, da humanidade e generosidade.

### REFERÊNCIAS

- [1] Grossi, Esther Pillar, BORDIN, Jussara. “Construtivismo pós-

- piagetiano: um novo paradigma sobre aprendizagem.” Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- [2] Becker, F. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2001.
- [3] D’Ambrosio, Ubiratan. “Educação Matemática: Da Teoria à Prática” Campinas: Papirus, 2001. 121p.
- [4] Chevallard, Y. (1996) “La fonction professorale: esquisse d’un modèle didactique.” In: R. Noirfalise e M-J. Perrin (Eds.), Actes de la VIIIème Ecole d’Eté de Didactique des Mathématiques. (p 83-122) Clermond-Ferrand: IREM de Clermond-Ferrand.
- [5] MEC/ SEF. “Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática de 5ª a 8ª Série”. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília:1998, 148p.
- [6] NCTM (1994). Normas Profissionais para o Ensino da Matemática. Trabalho original publicado em 1991. Tradução da Associação de Professores de Matemática. Lisboa: Associação de Professores de Matemática e Instituto de Inovação Educacional.
- [7] Priberam Informática, S.A.: Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>>. Acesso em: 08 de novembro de 2008.
- [8] Clovis Osvaldo Gregorim; Creud Pereira Santos Martinelli; Sandra Helena Terciotti: “Moderno Dicionário da Língua Portuguesa” Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>>. Acesso em: 08 nov. 2008.
- [9] Rocha, Tião. Eleger causas e zerar o déficit. In: Cíntia Machado. Revista MARANHÃO Industrial, Sistema FIEMA, n. 17, p.12 - 14, jun. 2008.
- [10] [11] Alves, Rubem. “Conversas com quem gosta de ensinar.” 10.ed. Campinas: Papirus Editora, 2000. 125p.
- [12] Eustaquio Lagoeiro Castelo Branco: “Professor e educador vivem em mundos diferentes?” Disponível em: <<http://eduquenet.net/professoreducador.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2008.
- [13] NCTM (1991). Normas para o Currículo e a Avaliação em Matemática Escolar. Trabalho original publicado em 1989. Tradução da Associação de Professores de Matemática. Lisboa: Associação de Professores de Matemática e Instituto de Inovação Educacional.